

01-11-2021

O convite

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Você já ouviu falar em literatura indígena? Já leu algum livro escrito por um autor (a) indígena? Se não, hoje tenho um convite para lhe fazer. Hoje, vou contar um pouco sobre como essa literatura de autoria indígena tem me atravessado profundamente. Eu, que sou busca, sonhos, semente, lhe pergunto, você já parou pra pensar sobre seus infinitos ancestrais? Já pensou em se conectar com os mais velhos?

Com a mãe Terra? Já gastou cinco minutinhos do seu “precioso” tempo falando com as montanhas, árvores e rios? Já parou pra refletir que todos os elementos da natureza são seus parentes?

O que te move neste mundo? Qual o sentido desta vida pra você?

Desejas adiar o fim mundo ou apenas desfrutar dos prazeres que ele, o mundo, lhe oferece? Eu, caro (a) leitor (a), sempre pensei em um mundo melhor, porém, não com a profundidade que penso agora, não com a chama que queima no meu peito, sentimento forte e que cresce cada dia mais. Em 2017, conheci a literatura indígena, através do meu professor Eguimar Felício Chaveiro, narrativas de autores (as) indígenas que, como ato de resistência, resolveram contar suas histórias por suas próprias perspectivas, decidiram usar a força da palavra escrita em um grito por justiça, direitos, respeito e vida. A literatura indígena me atravessou como uma flecha encantada, acendendo em mim a chama da minha ancestralidade e, desde então, estou conhecendo diversos mundos, aqueles mundos que ninguém nunca me contou. Aprendi com Julie Dorrico a adentrar no “mundo dos avós e das avós, o mundo das histórias antigas e sagradas, o mundo dos humanos e não humanos, das ervas medicinais, das rodas de fogueira e a perceber aos poucos que somos apenas filhos (as) dessa mãe Terra”. A literatura indígena, caro (a) leitor (a), anuncia que é chegada a hora de conhecermos as palavras dos povos originários desta Terra; é chegada a hora de reconhecermos que seus modos de vida tradicionais impedem a *Queda do Céu* como nos ensina Davi Kopenawa, salvando a humanidade do abismo. Sim, abismo, como nos alerta Krenak (2019), pois se continuarmos com nossos rios cheios de dejetos de minérios, nosso solo cheio de venenos, nosso ar sujo de doenças de fumaça, nossas árvores sendo reduzidas e toda biodiversidade extinguida, não evitaremos que o céu desabe sobre nossas cabeças e tudo, absolutamente tudo, caro (a) leitor (a), chegará ao fim. Você, pode não presenciar este momento (acredito que todos (as) já estamos), mas e seus filhos (as)? E os filhos (as) deles (as)? Suas sementes? Ou você não se importa com nada disto?

Ou você já se “acomodou” com esse adoecimento a que nossa mãe Terra está submetida? O convite nesse texto desprezioso, caro (a) leitor (a), é uma tentativa de lhe provocar, lhe colocar para repensar sua existência, essência e vivência; ativar sua potência transformadora, pois como dizia o velho Marx, “*não basta entender o mundo, é preciso transformá-lo*”. Assim, caro (a) leitor (a), o meu convite é este, que tal inserir na sua estante obras de autoria indígena? Que tal conhecer esses (as) autores (as) e refletir sobre o que eles (as) têm para te ensinar? _____

Ou você prefere ficar ou continuar na bolha dos best-sellers americanos e nesse mundo superficial e ilusório que o sistema capitalista lhe oferece? Se sim, ok, afinal quem sou eu pra julgá-lo (a), porém, lhe garanto que o descobrimento do pertencimento, o fogo da ancestralidade e o amor pela mãe Terra irá te surpreender, não estou dizendo que você não tenha tais sentimentos, mas que tal aprofundar?

Os povos indígenas vivem outra lógica de vida, a lógica de ver, pensar e sentir o mundo com amor, afeto, esperança, respeito, espiritualidade, solidariedade e do verdadeiro significado da tolerância. E eu questiono: como podem sentir tanto ódio por aqueles (as), que só buscam viver conforme suas tradições, crenças e modos de vida? Por que tanto ódio? Sim, ódio, por que como podem permitir que CRIANÇAS sejam sugadas por maquinários de garimpeiros?

Isto aconteceu com crianças Yanomami, elas, as crianças, foram sugadas e cuspidas para o meio do rio e levadas pela correnteza enquanto brincavam, conforme nota da Hutukara Associação Yanomami na quarta-feira, 13/10/2021. Isto me destrói, não consigo mensurar tal perversidade. Por que tentam de todas as formas possíveis exterminar as nações indígenas? É sobre vida e morte, esperança e desesperança. Ela, a literatura indígena, vem me ajudando a renovar minhas forças pra seguir na luta pelos direitos humanos, pelo direito à vida e pelo direito de pensar em um futuro sem mortes ou ao menos sonhar com tal futuro. Acredito caro (a) leitor (a) que as obras literárias indígenas, a poética, a prosa, a contação de histórias, lhe farão plantar novas sementes nesse mundo e de semente em semente, poderemos juntos (as) contribuir na luta e na resistência pela vida, porque essa é a lição que os povos indígenas nos ensinam. E assim poderemos, finalmente, respirar um ar limpo, saudável e sem cheiro de morte. Convido-lhe a conhecer Eliane Potiguara, Auritha Tabajara, Graça Graúna, Julie Dorrico, Márcia Kambeba, Vangri Kaingang, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Kaká Werá, Edson Kaiapó, Gleycielli Nonato, Aline Pachamama entre tantos outros (as) autores (as) que, com suas narrativas, nos contam suas histórias, lendas, tradições e modos de cura da Terra. Graça Graúna diz que a literatura indígena é uma canoa no mar da ancestralidade, vem conhecer? O convite consiste em duas etapas, primeira, conheça a literatura indígena; segunda, leva-a às CRIANÇAS, pois são elas, as crianças, nossa esperança de cura da Terra. Elas são o futuro e se elas viverem, pensarem e sentirem outra lógica de mundo poderão coletivamente realizar uma grande cura, como nos ensina a guerreira Potiguara (2015). Ajude as crianças a terem acesso a esse material para que escutem as lendas, escutem a voz, o grito, que é, praticamente, um grito de desespero poético e, assim, repassarmos essas informações para que essa nova geração surja de um renascimento, de fato, para que possam ser adultos saudáveis. Vamos ser novas mulheres, novos homens e assim permitirmos que nossas crianças tenham um novo amanhecer? Vamos espalhar poesia por aí? Vamos armar nossas flechas e canetas em busca da cura? Da Terra, da alma, da mente e do espírito? Vamos refletir?

continua

VÔ MADEIRA

O vô correu correu / Com as piranhas e os botos, / Com as jatuaranas e os tambaquis,
Com as cobras e os jacarés, / Com todas as gentes não-humanas do rio;

O vô era um encantado

E por vezes trocava de pele pra ver como andava o mundo

Às vezes vinha de gente, outras de mangueira, algumas vezes perdida, de jaguatirica;

Um dia, num de seus passeios, o vô viu alguns de seus netos em cima de dragas no meio do rio:

Bêbados! / Jogando prato, prata, pano, plástico / Parem.

O vô chorou. / O dinheiro é o veneno da alma.

O vô achou que ia parar

Ouro, correntes, pulseirinhas, anéis, casamentos, filhos, netos, bisnetos, tataranetos,
Sem água.

O vô podia ser eterno / Mas fez a travessia jovem.

Só que ninguém sabia que quando ele se fosse / Todas as gentes iam também.

E foi assim que nós desaparecemos.

Feito fome / Feito sede

Feito noite / Feito morte.

Julie Dorrico (autora indígena macuxi)

■ ■ ■

Referências

DORRICO, Julie. Eu sou macuxi e outras histórias. Belo Horizonte: Caos e Letras, 2019. // JEKUPÉ, Olívio. Literatura escrita pelos povos indígenas. São Paulo: Scortecci, 2009. // KOPENAWA & B. ALBERT, A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. // KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. // MUNDURUKU, Daniel. Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade. 2008. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso: 08/10/2021. // POTIGUARA, Eliane. A cura da Terra. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.